

FACULDADE DE LETRAS
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

80

INSCRIÇÕES 359 E 360
ÍNDICES DOS FASCÍCULOS 70 A 79
ADDENDA ET CORRIGENDA

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
2005

FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.

Dos fascículos 1 a 66, inclusive, fez-se um CD-ROM, no âmbito do Projecto Culture 2000 intitulado VBI ERAT LVPA, com a colaboração da Universidade de Alcalá de Henares.

Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.

Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.

.....
Toda a colaboração deve ser dirigida a:

José d'ENCARNAÇÃO
Instituto de Arqueologia
Palácio de Sub-Ripas
P-3000-395 COIMBRA

Maria Manuela Alves DIAS
Av. Madrid, 24, 2.º dt.º
P-1000-196 LISBOA

.....

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio de

CONSELHO DIRECTIVO DA FACULDADE DE LETRAS DE COIMBRA



LIGA DE AMIGOS DE CONIMBRIGA

Composto e impresso na G. C. – Gráfica de Coimbra, Lda.

Depósito Legal Nº 21216/88

INSCRIÇÃO RUPESTRE DA LAJE DO ADUFE
(FERRO, COVILHÃ)
(*Conventus Emeritensis*)

Inscrição rupestre localizada na cumeada da Lomba da Pedra Aguda, divisória entre os concelhos da Covilhã e do Fundão, abrigada num suave talvegue adjacente ao povoado amuralhado da Quinta da Samaria¹. Gravou-se num afloramento granítico arredondado, provavelmente seccionado para o efeito, aproveitando-se a face quase plana obtida pelo corte, na qual tem uma posição central. A superfície de gravação, voltada a norte, mostra-se na actualidade ligeiramente inclinada para a frente e rodada no sentido oposto ao dos ponteiros do relógio, situação que talvez divirja da original.

O texto encontra-se rodeado por um profundo e largo sulco, definindo um quadrado de cantos arredondados, dividido por rasgo central que cesura o texto, criando o esquematismo de um livro, e encimado por uma alusão a um frontão rebaixado e mais estreito que a cartela. Julgamos resultar de regravação (e reavivamento) a rudeza do sulco que envolve o texto, possivelmente ensaiada aquando da execução da cissura que o rasgou de alto a baixo, pelo que é provável que originalmente o texto já se encontrasse no interior de uma cartela incisa quadrilateral, talvez subjacente à representação do frontão, esta em jeito de *fastigium* de altar, pois se por um lado o sulco regravado parece excluí-lo, por outro também aparece claro que este elemento não se adapta ao resultado esperado de esquissar um livro², deduzindo-se, assim, a sua anterioridade. A superfície do espaço epigráfico encontra-se bastante delida e totalmente coberta por líquenes, condições que, aliadas aos danos provocados pela cissura supracitada e por uma depressão aberta no seu canto inferior direito, dificultam grandemente a leitura da inscrição.

Dimensões: 250 x 330 x ?

Campo epigráfico: 62 x 62 [frontão (b x l): 29 x 20].

¹ A inscrição – tal como o povoado – foi identificada por um dos signatários (P. C. C.), em Julho de 2000, no decurso de trabalhos de prospecção na Cova da Beira (PNTA/IPA, 2000-2003).

² O monólito também é designado localmente por *Pedra do Livro*.

MANT[A]VS MO
 GV[L]IN[I L]IBERT
 VS +---+NESIS (s/c)
 ARA(n) DE[AE] NABI
 AE MV[.]TINA[C]
 AE M(erito) L(ibens) FIE[CIT

Mantau, liberto de Mogulino, [...]ense, fez de boa vontade o altar a Nábia Mu[.]tinaca.

Altura das letras: 5. Espaços: 0,8/0,9.

O texto distribui-se por seis linhas alinhadas à esquerda, com alturas mais ou menos regulares, esmero que ressalta quando confrontado com a natureza do suporte. As letras foram gravadas de forma vincada, com sulco largo e arredondado, destacando-se a utilização dos nexos AE nas desinências dativas que integram a identificação da divindade, sendo de supor a sua utilização no qualificativo que a precede. Não se esperaria um desenho modelar, embora afluam algumas regularidades paleográficas, como evidenciam os M, largos, de hastes extremas inclinadas e vértice central descido, ou os B, com panças desiguais, sendo a inferior mais desenvolvida, que não se mantêm noutras letras, como, por exemplo, nos N. Na derradeira linha os ves-tígios do F parecem-nos indiciar uma grande inclinação para a frente, plausível afectação da escrita cursiva, que talvez não seja alheia ao traçado esguio dos S.

O dedicante é liberto de um peregrino, identificando-se ambos com onomástica indígena. *Mantaus* é nome único bem conhecido na Lusitânia, com uma distribuição que se restringe ao *conuentus Emeritensis*³, conhecendo-se dois exemplos bem próximos do da inscrição, em Vale Formoso e Orjais (Covilhã), além de outros dois no interior beirão, em Veigas de Bazágueda (Penamacor) e Idanha-a-Velha (Idanha-a-Nova). Os restantes oito testemunhos encontram-se essencialmente na província de Cáceres, havendo ainda um na de Salamanca. Há também a referir dois achados epigráficos extrapeninsulares que documentam o nome: um em Bath, na Inglaterra, que o ostenta como patronímico de um cavaleiro da *ala Vettonum c. R.*, *ciues hisp(anus)*,

³ Cf. J. M. ABASCAL PALAZÓN, *Los nombres personales en las inscripciones latinas de Hispania*, Mércia 1994, p. 412; GRUPO MÉRIDA, *Atlas antroponímico de la Lusitania romana*, Mérida / Bordéus 2003, p. 226-227, mapa 189.

caurie(n)sis, e outro em Aïn Phua, na Argélia, que o revela igualmente como patronímico de um cavaleiro, de origem lusitana, desta feita integrado na *ala I Pannoniorum*. Em território hispânico não lusitano aparece uma única vez, em Xinzo de Limia (Orense), sabendo-se por uma inscrição de Cória que também era conhecido entre os *Turduli Veteres*. Deste modo, a distribuição do nome mostra uma presença mais forte na Lusitânia oriental, admitindo-se naturais ramificações para a área lusitana setentrional, nomeadamente ocidental, e mesmo para a galaica, a não ser que o caso limiano documente um episódio de migração.

A leitura que fazemos do nome do patrono de *Mantaus* torna o antropónimo num *hapax*, mas é perfeitamente aceitável a sua derivação por sufixação a partir de *Mogul(i)us*, nome que se documenta em Zebras (Fundão)⁴.

Não é inédito que o dedicante de um monumento votivo indique a sua proveniência e, apesar de pouco habitual, também não é caso único que um liberto a refira. Pela sua posição no texto, o adjectivo de relação deve interpretar-se como referente a *Mantaus* e não ao patrono, pois neste caso posicionar-se-ia imediatamente ao seu nome e não depois de *libertus*; de qualquer modo, o normal é o liberto receber a *origo* do patrono e sendo este, no nosso caso, um peregrino, também, pela mesma lógica, podemos supor que a proveniência indicada pelo liberto é a mesma do patrono. Estarão em falta quatro letras antes da terminação -NESIS, que aponta a indicação de origem, sendo a segunda delas verosimilmente um A. A identificação das restantes não é para nós tão evidente, mas parece-nos crível que a primeira possa ser um C e a última, afectada pelo sulco central, quiçá um R, do qual restará parte da pança e a haste oblíqua, pelo que, se confiássemos nestas possibilidades, seria tentadora a admissão de uma (inusitada) troca de letras N/E que poderia viabilizar o adjectivo *cauriensis*, indicando como origem do dedicante a cidade lusitana de *Caurium*⁵, embora para tal fosse ainda forçoso admitir a união de um I ao R⁶. Apesar de muito raros, não são inéditos casos de *litterae*

⁴ GRUPO MÉRIDA, *Ob. cit.*, p. 242.

⁵ BA 26 D2 [BA = R. J. A. TALBERT (ed.), *Barrington Atlas of the Greek and Roman World*, Princeton (N. J.) 2000].

⁶ Uma forma adjectival *Caur(i)ensis* tem sido admitida como referente a uma originária de *Caurium* com base numa interpretação incorrecta (cf. *HEp* 5, 208) do texto de uma ara funerária de Granadilla (Cáceres); a efectiva existência do nexu RI nesse termo da inscrição confirma a corrente forma epigráfica de indicação deste

permutatae em textos epigráficos⁷, pelo que sabendo-se da razoável representação do nome *Mantaus* na Lusitânia oriental, nomeadamente na actual Cória⁸, se tornaria atendível esta possibilidade de reconstituição da indicação de proveniência. Todavia, é assunto a que não podemos dar resposta cabal atendendo às nossas incertezas quanto à identificação dos caracteres e ao leque de possibilidades de reconstituição que se nos abre.

A divindade invocada não é desconhecida na região, embora o seja o seu epíteto, apresentando-se o teónimo precedido do qualificativo *Dea*. A geografia do culto a *Nabia* inclui os territórios galaico e lusitano, estando, no que a este último respeita, bem afirmado na actual província de Cáceres, com extensão à Beira Baixa⁹, constatação que igualmente poderia reforçar a possibilidade aventada para a indicação de proveniência do dedicante. A interpretação de *Nabia* como divindade ligada aos vales tem ganhado consistência em função dos argumentos da análise etimológica ao teónimo¹⁰.

O epíteto conserva-se incompleto, pelo que mais não podemos do que sugerir a sua reconstituição atendendo à falta da terceira e da sétima letras. Para esta última não hesitamos ao apontar um C, dando

adjectivo pátrio (J. L. MELENA, «Notas de epigrafía romana de Extremadura: II. Sobre el ara funeraria de Granadilla», *Veleia*, 11, 1994, p. 317-318). Não seria por completo absurdo, nem tão pouco aventuroso à luz da prática epigráfica, esperar a utilização da ligatura RI na inscrição que estudamos, tanto mais que se comprova a utilização dos nexos AE, embora o seu estado de conservação jamais nos permita ultrapassar um nível especulativo. Curiosamente, os traços paleográficos da inscrição de Granadilla e os da que estudamos aproximam-se, coincidindo também a datação sugerida para aquela (*HEp* 5, 208) com a que propomos para a que editamos, mas estas constatações em nada podem abonar as considerações anteriores; nesta matéria, mais consistentes são os argumentos que se possam prender com a distribuição geográfica da onomástica registada na inscrição.

⁷ A este propósito veja-se, por exemplo, *HEp* 6, 702, onde se documenta a mesma troca de letras que poderíamos admitir na inscrição em estudo: *pinetisum(a)e coniu(gi)*.

⁸ Além do militar na *Britannia* que indica *Caurium* como *origo*, conhece-se outro testemunho referente a Cória: *uide* n. 3.

⁹ Registam-se duas inscrições na Beira Baixa, incluindo esta, e seis na província de Cáceres. Veja-se B. M. PRÓSPER, *Lenguas y religiones prerromanas del Occidente de la Península Ibérica* 2002, p. 190-192.

¹⁰ Cf. *Ibidem*, p. 192-194 e J. L. MELENA, «Una ara votiva romana en el Gaitán, Cáceres», *Veleia*, 1, 1984, p. 233-260. Veja-se ainda A. RODRÍGUEZ COLMENERO, «Deuses da planície: *Nabia* e assimilados», *Religiões da Lusitânia: Loquuntur saxa*, Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, 2002, p. 25-29.

corpo a sufixo recorrente em epítetos divinos, mas são inconclusivas as propostas para a terceira letra, parecendo-nos, do ponto de vista linguístico, mais viáveis o L, o N e o S. *Mu[n]tina[c]a*, apesar de ser reconstituição linguisticamente atractiva pela aproximação aos radicais *Mant-* e *Ment-*, ambos com provável raiz em **men-*, **mon-* “cabeça, monte”¹¹, do lado da análise epigráfica revela-se a proposta menos viável atendendo ao espaço disponível. Apesar de esta possibilidade não poder rejeitar-se liminarmente, talvez devamos dar mais crédito às hipóteses *Mu[l]tina[c]a* e *Mu[s]tina[c]a*. A primeira traz-nos à memória, dos róis da teonímia e antroponímia galas, *Moltinus*, *Moltelius* e *Multilius*¹², *Multelius* da onomástica itálica¹³ ou o controverso, uma vez que não há acordo relativamente à sua correcção, nome pessoal de cuño peninsular *Multius*¹⁴. A etimologia desta série de nomes parece radicar no indo-europeu **mel-* “triturar”, **molto-*, **ml>to-* “moenda, trituração”, que transporta para a ideia de “brando, suave”, e também “castrado”, via pela qual se explica a forma **moltos*, **multos* para cordeiro ou carneiro, sobre a qual se assenta a onomástica em causa¹⁵. A segunda parece aproximar-se de antropónimos com radical *Must-*, como é o caso de *Mustia*, *Mustarus* e *Musturus* que pontuam na antroponímia hispânica, e, no caso dos primeiros, inclusive na lusitana¹⁶. Relativamente a *Mustarus*, que deriva de

¹¹ Estes radicais estão patentes quer na antroponímia quer na teonímia hispanas, com particular incidência no sector oriental da Lusitânia. Veja-se o mapa elaborado por M. L. ALBERTOS, «La antroponímia prerromana de la Península Ibérica», in F. JORDÁ, J. de HOZ e L. MICHELENA (eds.), *Actas del I Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica (Salamanca, 27-31 mayo 1974)*, Salamanca: Universidad, 1976, p. 82 e B. M. PRÓSPER, *Ob. cit.*, p. 189.

¹² O teónimo *Moltinus* documenta-se na Lugdunense (*CIL* XIII 2878) e na Áustria (*AE* 1998, 999a-b), enquanto os gentílicos *Moltelius* e *Multilius* surgem atestados na Narbonense (*CIL* XII 175 e 201).

¹³ É *nomen* com testemunho singular (*CIL* V 7932).

¹⁴ Cf. a opção de M. ABASCAL PALAZÓN, *Ob. cit.*, p. 51, relativamente à posição de M. L. ALBERTOS, *La onomástica personal primitiva de Hispania: Tarraconense y Bética*, Salamanca 1966, p. 160, atendendo à impossibilidade de confirmação da leitura da inscrição (*CIL* II 3072) de Fontidueña (Madrid).

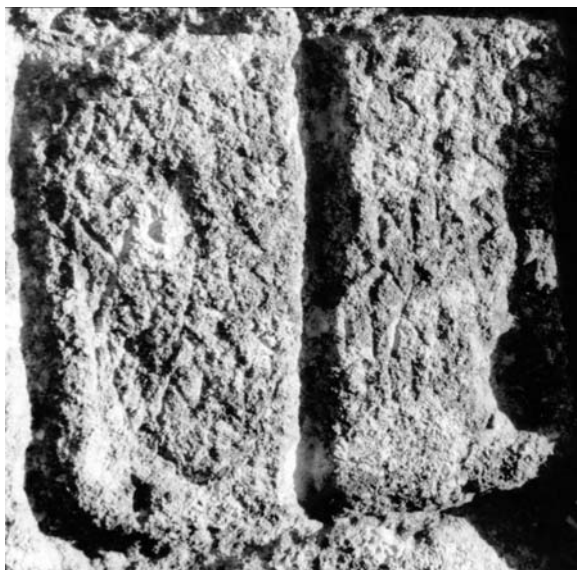
¹⁵ M. L. ALBERTOS, *Ob. cit.*, p. 160-161, a propósito do antropónimo em causa na nota anterior. Sobre o caso concreto do teónimo, pode ver-se W. MEID, «Keltische Religion im Zeugnis der Sprache», in K. H. SCHMIDT, R. KÖDDERITZSCH e P. DE BERNARDO STEMPER (eds.), *Zeitschrift für celtische Philologie*, Band 53, Tübingen: Niemeyer, 2003, p. 20-40.

¹⁶ Cf. J. M. ABASCAL PALAZÓN, *Ob. cit.*, p. 434 e *HEp* 7, 1154 para o primeiro. Só no espaço extra-peninsular detectamos toponímia que guarda este radical: *Musti*, em África (*BA* 32 D4) e *Mustiae Calmes*, na Narbonense (*BA* 17 H5).

**mud-s-to-*, secundariamente recaracterizado por meio do sufixo átono *-aro-*, com paralelo no substantivo latino *mustus* “fresco, jovem”, tem-se por admissível, em função da sua distribuição geográfica e derivação, a possibilidade de uma origem lusitana, embora se reconheça **mud-s-o-* em celta, por exemplo no antigo irlandês *mosach* e no galês *mws* “sujo”¹⁷. O carácter lacunar do texto não nos permite melhor interpretação do que aceitarmos como altamente provável estarmos em presença de um epíteto com afinidades, pelo menos ao nível do radical, com um nome pessoal, registo não inédito na teonímia paleohispânica.

O texto finaliza com a fórmula *m(erito) l(ibens) fecit* que não tem paralelo nas restantes dedicatórias a *Nabia*, nem na região. O predicado implica a realização de algo que o texto nos refere como *ara(m)*, cujo significado deve, em nossa opinião, interpretar-se na acepção lata de monumento pétreo, aplicável ao próprio suporte em que se gravou a dedicatória.

Atendendo às características do texto, nomeadamente à sua estrutura, à qualificação do teónimo e à paleografia, sugerimos uma datação do século II.



ARMANDO REDENTOR
MARCOS OSÓRIO
PEDRO C. CARVALHO

¹⁷ Segundo a lição de F. VILLAR e B. M. PRÓSPER, *Vascos, celtas e indoeuropeos: genes y lenguas*, Salamanca 2005, p. 183.

CIPO FUNERÁRIO DA QTª DAS LAMEIRAS
(AGUIAR DA BEIRA)

Cipo funerário encontrado, há cerca de 60 anos, pelo Sr. André Gomes, residente na Quinta das Lameiras, concelho de Aguiar da Beira, quando lavrava um terreno, onde se identificam ainda muitos restos de cerâmica¹.

Trata-se de um monumento funerário de granito de grão médio. Está truncado, faltando-lhe um fragmento na parte inferior, o que dificulta um pouco a leitura da última linha. A face lateral tem uma decoração em forma de espiga ou tridente².

Dimensões: 59 x 35 x 21.

RVFVS RVFINI / F(*ilius*) / AROSPICIS [*sic*] / AN(*n*)ORVM / L
(*quinquaginta*) / CVRAVI / FACIANDO [*sic*] / PATR[O]NO ME/O
CABVREI/A LIBERTA / H(*ic*) S(*itus*) T(*ibi*) T(*erra*) L(*ewis*)

Aqui jaz Rufo Arúspice, filho de Rufino, de 50 anos. Eu, a liberta Cabureia, mandei fazer para meu patrono. Que a terra te (seja) leve.

¹ A localização do presente monumento fez-se na busca a que procedemos para um trabalho da cadeira de *Origens do Homem e da Civilização* leccionada pelo Professor Doutor João Inês Vaz, na Universidade Católica de Viseu, no ano de 1996, a quem agradecemos o apoio que nos prestou na elaboração do trabalho e no estudo da inscrição.

² Esta decoração aparece também na inscrição encontrada na vizinha Quinta dos Matos (João L. Inês Vaz, «Três inscrições romanas da Beira Alta», *Beira Alta*, 38 (3) 1979 543-555); e em Cárquere, onde identifica um tipo regional de decoração (João L. Inês Vaz, «Epigrafia romana de Cárquere – Mais cinco inscrições», *Revista da Universidade de Aveiro* 4 1986 285-308) e que ainda hoje se encontra nalguns utensílios de uso diário da freguesia (fig. 360b).

Altura das letras: l. 1: 6,5; l. 2: 4,5; l. 3: 5; l. 4: 4,5; l. 5: 4; l. 6: 4-5; l. 7: 3,5-4,3; l. 8: 3,5-4,5; l. 9: 3,5-4,4; l. 10: ? Espaços: 1: 3,5-5; 2: 0-1; 3: 0,5; 4: 0,5-1; 5: 0,6-1,1; 6: 0,5-1; 7: 0,3-1; 8: 0,3-0,5; 9: 0-0,5; 10: 0,3-0,7; 11: ?

Há erros ortográficos na inscrição. Assim, *faciando* está por *faciendum* e falta um *o* em *patrono*. O tamanho das letras não é uniforme, nem os espaços entre elas.

É curiosa a onomástica da inscrição. *Rufus* e *Rufinus* podemos dizer que são comuns na área. *Arospicis* tanto poderá ser um cognome como a indicação do cargo religioso desempenhado por *Rufus*. Deverá, no entanto, tratar-se de um cognome, desempenhando, neste caso, *Rufus* a função de *nomen*. *Cabureia*, a liberta que faz a lápide funerária ao seu patrono, usa a primeira pessoa do pretérito do verbo *curo*, o que demonstra bem o carácter pessoal desta relação.

Atendendo ao uso do nominativo e aos erros ortográficos verificados, o que demonstra o uso incipiente de uma língua recentemente adquirida, inclinamo-nos para que esta ara seja do séc. I da nossa era.

M^a ALEXANDRINA F. TAVARES FRIAS



360



360a



360b

INDICES¹

Nomina virorum et mulierum

L. Allius [Avitus], 355
Allius Agathas, 350
G. Domitius Saturninus, 320
M. Grani serva, Firmila, 322
M. Helvius, 313
Iulia, 354
Iulius, 336
Iulius Gaianus, 339
Iulius Vegetus, 327
Licinius Cili, 347
C. Norbanus G. f. Rusticus, 320
C. Sempronius Niger, 321

Cognomina virorum et mulierum

Agathas, Allius, 350
Arcea Arconis f., 351
Arco Tureni f., 333
Arconis f., Arcea, 351
Atta Lugua Caraecicum, 340
Auniae lib(erta), Cutece, 332
[Avitus], L. Allius, 355
Bealoni f., Tangin[a], 333
Boutia Tangini f., 331
Caenonis f., Quintus, 326
Calaitus (?) Calvi, 334
Calanus (?), 356B.
Callanus (?), [—]is, 356C.
Calvini, Sabinus, 315
Calvi, Calaitus (?) 334
Camira, 326
Casa, 353
Caudicus, 349
Celeris, Clemens, 347

Cesea, 325
Cili, Licinius, 347
Clemens Celeris, 347
Crispi f., Crispinus, 330
Crispinus Crispi f., 330
Cutece, Auniae lib(erta), 332
Eburenus, 340
Firmila M. Grani serva, 322
Gaianus, Iulius, 339
Laeti f., Sunua, 325
Lugua, Atta Caraecicum, 340
Maelo ?, 323.1-323.7
Mebdi Vagonii f., 324
Niger, C. Sempronius, 321
Pelicus Tangini f., 329
Philete, Superata, 328
[P]alarus Quadratus, 331
Placidus, 316
Quintus Caenonis f., 326
Quadratus, [P]alarus, 331
Rebu[rrus] Bedac(iqu), 338
Rusticus, C. Norbanus G. f., 320
Sabinus, 348
Sabinus Calvini, 315
Saturninus, G. Domitius, 320
Sunua Laeti f., 325
Superata Philete, 328
Tangin[a], Bealoni f., 333
Tangini f., Boutia, 331
Tangini f., Pelicus, 329
Triteus Turaos, 318
Tureni f., Arco, 333
Vagonii f., Mebdi, 324
Vegetus, Iulius, 327
[—]egeta, 330.

¹ Elaborados por Manuela Alves Dias

[—]ugi, 356A.
[—]is Callanus, 356C

Imperatores

[D(ominus)] N(oster) [Fla(vius)] Val(erius)
[C]o(n)st[na]tin[us N]obi[lissi]mus
[ac For]tissimus Caesar Divus
Const(anti) Pii filius, 319

Dii deaeque

Amma Aracelenia (vel Aracelene), 347
Band- Picius, 329
Band- Vircaui, 335
Band- Vordeaicus, 315
Dea s(acrum *vel* –ancta), 350
I(upiter) O(ptimus) M(aximus), 327,
348.
Ilurbeda, 337, 338
Iupiter O(ptimus) M(aximus), 313
Iupiter Optumus Maxumus, 314
Iupiter, 336
L(ares) V(iales), 338, 339
Lares, 316
Mercurius Supernus, 317
Peica (?), 318

Res publicae, res municipalis

Bedac(iqum), Rebu[rus] 338
Callanor[um], [—]is, 356C.
Caraecicum, Atta Lugua, 340
Vicani Munenses (*vel* Munienses), 314

Compendia scripturae

A L V S, animo libens votum solvit,
315
AN, annorum, 322, 324, 325, 326
ANN, annorum, 320
D M S, Diis Manibus sacrum, 328
D S F, de suo fecit, 322
D S F C, de suo faciendum curavit,
320, 347
D S P F C, de sua pecunia faciendum
curavit, 325
F C, faciendum curavit, 326, 328, 330,
332

Ficheiro Epigráfico, 80, 2005

H S E S T T L, hic situs est sit tibi
terra levis, 320, 321, 325, 326
H S E S T T L, hic sita est sit tibi
terra levis, 320, 321, 322
I O M, Iovi Optimus Maximus, 327
L A V S, Libens animo votum solvit, 313
LIB, Lib(erta), 332
L V, Lares Viales, 338
L V S, Libens votum solvit, 318
M, Maelo ?, 323.1-323.7
N, nostro, 319
O M, Optimus Maximus, 313
P, posuerunt, 314
SAC, sacrum, 327
VAL, Valerius, 319
V S, votum solvit, 337
S L M, solvit libens merito, 340
V S L M, votum solvit libens merito,
338
V L S, votum libens solvit, 329
V A L S, votum animo libens solvit,
316
V S L A, votum solvit libens animo,
327, 339, 350

Literarum forma

II = E, 314, 337, 351, 353.

Puncta et similia

313, 315, 317, 318, 320, 321, 322,
324, 325, 326, 328, 329, 330, 331,
333, 337, 338, 339, 340, 347, 350.
hederae, 332.

Monumenti formae

Anepígrafos ou sem texto epigráfico
visível, 341, 342, 343, 344, 345, 346
Cupa, 358
Marco de propriedade (?), 335
Miliário, 319
Peso de tear, 323.1-323.7, 351, 352,
353, 354
Tijolo, 355, 357
Talhas, 356

<i>Parentelae et necessitudines</i>	Et, 331
liberta, 332	Mater sua, 332
mater, 325, 326, 328, 332	Munimentum, 324
serva, 322	Propter, 331
uxor, 330, 340	F(ília) pientissuma, 328
	Votum fecit, 336
<i>Grammatica quaedam et notabilia varia</i>	<i>Exercitia scripturae</i>
Asbinus <i>pro</i> Sabinus, 348	[—]MNOPQR[—], 357

Inscriptionum repertarum loca

PORTUGAL

BRAGA

Vila Verde, Duas Igrejas, 324

BRAGANÇA

Torre de Moncorvo, Eiras Velhas, Horta de Vilarça, 330

CASTELO BRANCO

Castelo Branco, Quartel de Cavalaria (antigo), 333

Castelo Branco, São Vicente da Beira, 329

Idanha-a-Nova, Rosmarinhal, 328

Nossa Senhora de Mércoles, 331

S. Vicente da Beira, 332

COIMBRA

Condeixa, Conimbriga, 351, 352, 353, 354, 355, 356, 357

GUARDA

Guarda, Meda, 315, 316

Celorico da Beira, Vale de Azares, Capela de Nossa Senhora de Azares, 347

SANTARÉM

Abrantes, S. Facundo, 318

Abrantes, Bemposta, Vale da Lama, 318

Tomar, Villa de Cardais, 323.1-323.7

VISEU

Mangualde, Quintela de Azurara, Igreja paroquial, 348

Tondela, numa antiga casa da rua Dr. Abel Lacerda, 349

ESPAÑA

AVILA

Narros del Puerto, Capela de Nuestra Señora de la Asunción, 336, 337, 338, 339, 340, 341, 342, 343, 344, 345, 346.

CÁCERES

Abertura, 313

Jarilla, no templo romano de Piedras Labradas, 350.

Malpartida, 325, 326.

Villasbuenas Gata, 314.

BADAJOS

Castuera, 320, 321, 322.

“Origuela”, 317.

Auctores

A. Tranoy, 330

Álvaro Batista, 318, 319

António J. Nunes Monteiro, 349

C. Mercado, 327

Carla Sequeira, 358

E. Sánchez-Medina, 327

F. Patrício Curado, 329, 331, 333, 334

Filomena Gaspar, 319

J. Candeias da Silva, 318, 319

Jaime Rio-Miranda Alcón, 350

José da Silva Ruivo, 351, 352, 353, 354, 355.

José Luís Gamallo Barranco, 336, 337, 338, 339, 340, 341, 342, 343, 344, 345, 346

José Salas Martín, 313, 314, 325, 326

José-Vidal Madruga Flores, 320, 321, 322, 323

Júlio Esteban Ortega, 313, 314, 325, 326

Luís da Silva Fernandes, 323.1, 323.2, 323.3, 323.4, 323.5, 323.6, 323.7

Manuel Leitão, 329, 331, 332

Manuel Sabino G. Perestrelo, 315, 316, 347

Marco Osório, 347

Maria Cassilda Domingues Santos, 328

María del Rosario Hernando Sobrino, 317, 336, 337, 338, 339, 340, 341, 342, 343, 344, 345, 346

Maria do Céu Crespo Ferreira, 347

Maria Gabriela Iglésias Domínguez, 350

Maria Pilar Reis, 353

Natália Fauvrelle, 358

P. Le Roux, 330

Ficheiro Epigráfico, 80, 2005

Pedro Pina Nóbrega, 335, 348
 Pedro Salvado, 329, 331, 333, 334
 Sílvia Moreira, 329, 331, 332, 333, 334
 Tarcísio Maciel, 324
 Virgílio Hipólito Correia, 356, 357

INDEX

70

Júlio Esteban Ortega; José Salas Martín, *Aras a Júpiter procedentes del Museo de Cáceres* 313-314

71

Manuel Sabino G. Perestrelo, *Ara a Bando Vordeico, da Meda* 315
 Manuel Sabino G. Perestrelo, *Ara aos Lares proveniente, da Meda* .. 316
 María del Rosario Hernando Sobrino, *Mercurius Supernus en un epígrafe inédito de la provincia de Badajoz* 317

72-73

J. Candeias da Silva; Álvaro Batista, *Ara a uma divindade indígena na freguesia de S. Facundo (Abrantes)* 318
 J. Candeias da Silva; Álvaro Batista; Filomena Gaspar, *Miliário de Constantino Magno do Vale da Lama (Bemposta – Abrantes)* 319
 José-Vidal Madruga Flores, *Epitáfio de C. Norbanus G. F. Rusticus* 320
 José-Vidal Madruga Flores, *Lápida de C. Sempronius Níger* 321
 José-Vidal Madruga Flores, *Lápida de Firmila, M. Grani serva* 322
 Luís da Silva Fernandes, *Pesos de tear com marca da villa de Cardais, Tomar (Conventus Scallabitanus)* 323.1-323.7

74

Tarcísio Maciel, *Placa funerária de Duas Igreja (Vila Verde)* 324
 José Salas Martín; Júlio Esteban Ortega, *Estelas de Malpartida de Cáceres (Cáceres)* 325-326
 C. Mercado; E. Sánchez-Medina, *Dedicación a Júpiter Óptimo Máximo en Cepeda (Salamanca)* 327
 Maria Cassilda Domingues Santos, *Estela funerária do Rosmanhal* .. 328
 F. Patrício Curado; Manuel Leitão; Pedro Salvado; Sílvia Moreira, *Ara votiva de São Vicente da Beira (Castelo Branco)* 329

75

P. Le Roux; A Tranoy, *Stèle funéraire d'Eiras Velhas, Horta de Vilarça (Conventus Bracaraugustanus)* 330
 F. Patrício Curado; Pedro Salvado; Sílvia Moreira; Manuel Leitão, *Ara da Ermida de Nossa Senhora de Mércoles (Castelo Branco)* 331
 Manuel Leitão; Sílvia Moreira, *Placa funerária de S. Vicente da Beira (Castelo Branco)* 332

F. Patrício Curado; Pedro Salvado; Sílvia Moreira, <i>Placa funerária de Castelo Branco</i>	33
F. Patrício Curado; Sílvia Moreira; Pedro Salvado, <i>Marco de propriedade (?)</i> , <i>Castelo Branco</i>	34
Pedro Pina Nóbrega, <i>Ara votiva de Antas, Penalva do Castelo</i>	335
76	
Maria del Rosário Hernando Sobrino; José Luis Gamallo Barranco, <i>Un santuário romano en Narros del Puerto, Ávila (Conventus Emeritensis)</i>	336-346
77	
Maria do Céu Crespo Ferreira; Marco Osório; Manuel Sabino G. Perestrelo, <i>Ara votiva a Amma de Vale de Azares</i>	347
Pedro Pina Nóbrega, <i>Árula votiva de Quintela de Azurara, Mangualde</i>	348
António J. Nunes Monteiro, <i>Bloco epigrafado de Tondela</i>	349
Jaime Rio-Miranda Alcón; Maria Gabriela Iglesias Domínguez, <i>Ara votiva del templo romano de collado de "Piedras Labradas" Jarilla (Cáceres)</i>	350
78	
José da Silva Ruivo, <i>Marca grafitada de Arcea, sobre um peso de tear de Conimbriga</i>	351
José da Silva Ruivo, <i>Marca grafitada I A, sobre um peso de tear de Conimbriga</i>	352
Maria Pilar Reis; José da Silva Ruivo, <i>Marca grafitada de Casa, sobre um peso de tear de Conimbriga</i>	353
José da Silva Ruivo, <i>Marca grafitada de Iulia, sobre um peso de tear de Conimbriga</i>	354
José da Silva Ruivo, <i>Marca de L. Allivs Avitvs, impressa num tijolo de Conimbriga</i>	355
79	
Virgílio Hipólito Correia, <i>Grafitos oficinais sobre talhas, de Conimbriga</i>	356
Virgílio Hipólito Correia, <i>Um fragmento de abecedário de Conimbriga</i>	357
Carla Sequeira e Natália Fauvrelle, <i>Cupa anepígrafa de Trevões</i>	358

ADDENDA ET CORRIGENDA

Ad n. 348: é preferível admitir que em ASBINVS se trata de SABINVS com a troca da posição das letras por parte do gravador, o que não é inédito, a admitir um novo elemento onomástico. – M.A.D.